

**O grupo como estruturante do psiquismo humano: *uma metapsicologia possível?***

***Elisabeth Antonelli***

*“... a resistência ao crescimento é endopsíquica e endogregária; esta associada com a turbulência no indivíduo e no grupo ao qual o indivíduo em crescimento pertence”.*

W. R. Bion in *Atenção e Interpretação*

## RESUMO

Neste estudo busca-se traçar uma correlação entre indivíduo e grupo, através da teoria psicanalítica, trazendo questões classicamente estudadas a partir da relação dual, cujo modelo é a relação mãe – bebê, para o contexto grupal. Parte-se da descrição e análise de sessões de grupos de escuta em instituições sociais, cujo objetivo é promover a circulação de conflitos.

Procura-se através do acolhimento /continência dos conflitos dos monitores que atuam diretamente com a população de menores expostos a situação de risco social, servir-lhes como modelo de transformação da situação de trabalho, propiciando a criação de laços sociais mais significativos.

O referencial teórico usado inspira-se nas descrições de Freud sobre grupos e o estudo dos grupos realizado por Bion, buscando um referencial para a compreensão da vida afetiva nos pequenos grupos e sua potencialidade como instrumento de inclusão social, bem como trazer à luz a discussão sobre os lugares que o psicanalista pode vir a ocupar, desde que esteja interessado nas implicações de uma psicanálise “complicada”.

## INTRODUÇÃO

*“El grupo de palabra es un instrumento sustentado en teorizaciones referidas a la noción del grupo como estructurante del psiquismo y matriz socializante y a la del ejercicio de la palabra como constituyente de subjetividad, como facilitadora de*

*intercambios y vínculos, como mediadora y  
sustituyente del pasaje al acto, que es el modo  
habitual de funcionar en las estrategias de sobrevivida”.*

Marcelo N. Vinãr

Nascemos dentro de um grupo – a família. Crescemos nela e passamos para outro grupo – a escola. Pertencemos a um bairro, a uma cidade, um país. Somos do grupo-nação desde o nascimento. Mesmo o mais solitário dos indivíduos pertence minimamente a um grupo – dos seres humanos eremitas e sabe disso no seu íntimo. Na sua solidão “conversa”, “briga” com os objetos de amor de sua vida.

O que poucos sabemos versa mais sobre o efeito exercido pelos grupos nas nossas escolhas profissionais, amorosas, e até mesmo na “escolha” da neurose. A pressão é invisível, mas sempre presente senão não seria tão difícil o trânsito entre os grupos. Na minha experiência de vida sempre me foi necessário manter este trânsito, apesar da comoção provocada, muitas vezes inadvertidamente. Em minhas salas de aulas do ginásio, as panelas se formavam ante meu espanto. Brigas, rixas, disputas, ares de superioridades incompreensíveis para alguém como eu, que nutria um interesse por todas as atividades desenvolvidas pelos diversos grupos. Foi sempre difícil entender o que era aquela linha imaginária que separava as panelinhas. Devo acrescentar que ainda é.

Lembro de um episódio vivido já na idade adulta, sendo do grupo – mães de criança pequena. Meu filho, que apresentava problemas de socialização na escolinha e ia sendo pressionado pelos amiguinhos para o grupo das meninas, enquanto alguns meninos da turma criavam um grupo dos vencedores.

Podiam tudo, estavam fadados ao sucesso. Nessa ocasião, fui conversar com a orientadora, com além do lado “mama” em ação, uma curiosidade pelo

fenômeno me carregando. Na conversa, a orientadora sugeriu que meu filho precisava aprender a conviver com as diferenças. Minha pergunta da época foi: “e os da panelinha não?, eles não precisam aprender a conviver com a diferença?” Nesta época, as tensões deste grupo foram reelaboradas. Fui atendida na curiosidade sim, eles também precisavam aprender a lidar com o diferente o mais lento, menos competitivo, mais frágil.

A pergunta revelou-se então uma pergunta existencial: “Por que os grupos se fecham? Como os integrantes conseguem fechar a porta? O que norteia a formação dos grupos?”.

Já na vida profissional, fui percorrendo várias instituições psicanalíticas, e novamente a questão emerge: “Quem contra quem ou contra o quê?” . Freud, ao fundar a psicanálise, o fez solitariamente. Mas, já quando o corpo teórico chega a uma certa densidade, passa a querer formar discípulos, “fechar a porta”, fundar a escola.

Ao pretender, escrever sobre o tema preciso me concentrar e fazer um esforço considerável para manter fora do campo da minha atenção fatores que dispersariam e alterariam o curso dos meus pensamentos. Há uma necessidade de formar uma pele, uma membrana de contato que diferencie uma atividade de outra. Chamarei de necessidade de continência essa disposição para permanecer em grupo, apesar das dificuldades e sacrifícios que o grupo exige dos indivíduos.

A experiência a ser descrita no presente trabalho, poderia ser denominada de diversas maneiras: “psicanálise extra -muros, psicanálise complicada, psicanálise sem divã”, por se tratar de um trabalho psicanalítico fora do setting clássico, ou seja , a relação íntima entre analista e analisando, segundo o modelo proposto por Freud, assim descrito, (ver Laplanche <sup>1[1]</sup>):

---

<sup>1[1]</sup> Laplanche, J/Pontalis, J.-B.: Vocabulário de Psicanálise

- a) metodologia de investigação que consiste essencialmente na evidenciação do significado inconsciente das palavras, das ações e das produções imaginárias (sonhos, fantasmas, delírios) de um indivíduo. Esse método baseia-se principalmente nas associações livres do indivíduo, que são a garantia de validade da interpretação. A interpretação psicanalítica pode estender-se a produções humanas para as quais não se dispõe de associações livres.
- b) Método psicoterápico baseado nesta investigação e especificado pela interpretação controlada da resistência, transferência e do desejo. Com este sentido se relaciona o uso da psicanálise como sinônimo de tratamento psicanalítico.
- c) Um conjunto de teorias psicológicas ou psicopatológicas em que são sistematizados os dados introduzidos pelo método psicanalítico de investigação e tratamento.

Muitos autores têm se detido no tema referente ao alcance que o método psicanalítico almejaria obter em situações diversas que as do setting clássico. Num tal sentido o presente trabalho aponta, trazendo esta indagação, bem como carregando as tensões geradas a partir de tais inquietações e de sua prática.

## DESCRIÇÃO DO GRUPO

A experiência a ser descrita foi possibilitada a partir de um convênio institucional: uma parceria entre uma instituição psicanalítica e um projeto social em fase de implantação, cujo objetivo é criar condições para a reestruturação de famílias, crianças e adolescentes em situação de risco social, a fim de que possam realizar seus anseios de aprimoramento como indivíduos e como membros da sociedade. O nosso trabalho como

psicanalistas é de coordenação de grupos operativos, entre nós chamados carinhosamente de “grupos de escuta”<sup>2[2]</sup> .

Os grupos são formados com os monitores de educação, limpeza e cozinha, visto que a ideologia do Projeto é estimular o sentido de pertinência à comunidade local, de modo a fornecer a base do sentido de cidadania, tão freqüentemente esgarçado em populações vítimas da exclusão social. Esses monitores trabalham diretamente com as crianças e adolescentes que são atendidas pelo projeto no período em que não estão na escola, de modo a evitar que estejam nos faróis esmolando, por exemplo. Para os pequenos, esta em fase de implantação também uma creche, que cobrirá a faixa etária dos 3 a 6 anos.

Citando Vinã<sup>3[3]</sup>:

***“...as referências básicas são a menoridade, a desintegração familiar e desamparo e a conduta anti-social e delinqüência...”***

As crianças e adolescentes atendidos pelo projeto são agredidas(os) diariamente pelos pais, que em alguns casos são drogados, bandidos, prostitutas e vivem nas ZR –zonas de risco, que são a escória de um bairro já perigoso. Uma parcela da população atendida é proveniente de famílias humildes, mas mais ou menos íntegras e que acabam por se tornar monitores do projeto. Aliás há uma família que trabalha em peso no projeto, desde os que passaram por lá, até alguns que começaram a trabalhar já adultos no Projeto desde o começo e têm crescido profissionalmente lá dentro.

A ênfase do projeto é dar assistência, de modo a procurar evitar o surgimento e o aumento da delinqüência tão marcante nos bairros

---

<sup>2[2]</sup> grupo de palavra, nos dizeres de Marcelo Vinã

<sup>3[3]</sup> Vinã, M..

periféricos de São Paulo, que têm vitimizado preferencialmente os jovens, acreditando que o menor assistido, amparado poderá vir a ter um futuro melhor. O cotidiano do projeto é eivado pela violência trazida na carne pelos menores. As marcas da dura realidade a que estão submetidos é oferecida aos monitores (também excluídos): a ferida sangrando pelos maus-tratos. Há um consenso entre os monitores que quem é deste bairro não consegue sair de lá: *quem é de lá de lá não sai*. Existe uma barreira de exclusão imaginária que os prende ao bairro. E outra barreira mais para baixo, em direção às ZRs. Vive-se em outra época, talvez pré-revolução francesa.

## DAS HIPÓTESES DE TRABALHO

- a) A circulação da palavra, por meio da escuta psicanalítica, e a elaboração dos conflitos desencadeados entre os menores, suas famílias e aqueles que os assistem, favorece a criação de vínculos afetivos significativos?
  
- b) Situações de “ruído”, potencialmente conflitos explosivos, podem ao ser verbalizadas, facilitar a capacidade de integração e de trabalho, tanto das equipes, quanto da população atendida?
  
- c) O indivíduo, sentindo-se pertencente ao grupo, se torna mais capaz de fazer frente às situações de exclusão com as quais se depara? Ou seja, o grupo se torna um objeto interno bom?

d) Por que um grupo? Quais as correlações entre o trabalho com grupo e a atenção individual?

## DO QUADRO TEÓRICO: O GRUPO NA OBRA FREUDIANA E NA OBRA BIONIANA.

*“O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que a primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte da nitidez quando examinamos mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais esta invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual nesse sentido ampliado mas inteiramente justificável da palavra, é ao mesmo tempo, também psicologia social”.Freud, 1921.*

A questão do ser humano com um ser em relação, aparece em todos os tipos de investigação que se faça sobre a natureza humana. Poderíamos encontrar subsídios para a questão da busca de continência dos indivíduos ao se reunirem em grupos, em vários campos do saber, notadamente a Filosofia e a Psicologia Social. Certamente nosso estudo nos conduzirá a buscar esses subsídios. A partir da experiência clínica com analisandos atendidos dentro do modelo clássico psicanalítico, com sua metodologia aplicada à mente individual pudemos constatar quão freqüentemente alusões aos grupos de pertinência são relatadas nas sessões de uma análise.



Neste estudo pretendemos verificar a possibilidade de que o grupo funcione como continente para certas necessidades humanas. Já não poderemos usar exclusivamente o modelo dual da relação mãe – bebê. Talvez o grupo possa dar conta de maior número de processos identificatórios e singulares.

Em “Sobre o Narcisismo: uma Introdução” encontramos Freud às voltas com a questão da existência dúplice do Ego: servir próprias finalidades e servir como um elo numa corrente. Através da descoberta da transferência Freud revela o inusitado fenômeno de que carregamos conosco as matrizes de identificação e com elas vamos caminhando pelo mundo afora. Não determinamos o que nos determina. Buscamos gratificações na medida em que estas possam ser metabolizadas, reconhecidas enfim pelo nosso sistema representacional.

Em “Psicologia de Grupo e Análise do Ego” , Freud se detém em explicitar qual a influência do grupo sobre a mente individual, que vai desde a hipótese sobre o laço emocional que liga o indivíduo ao grupo , até a formulação da questão da identificação e do processo libidinal envolvido aí.

Entretanto, foi em Bion que pudemos encontrar um ancoradouro para as questões que tentamos investigar. O seu estudo dos grupos foi um trabalho pioneiro, aonde pudemos ver prefigurados muitos aspectos dos seus trabalhos posteriores. Este trabalho aconteceu quando Bion foi encarregado da ala de reabilitação de um hospital psiquiátrico, quando ainda era oficial:

*“Foi desconcertante constatar que a Comissão parecia acreditar que os pacientes podiam ser curados em grupos como estes. No princípio, fez-me pensar que a idéia que tinham sobre o que se passava no grupo em que participei era muito diferente da minha. De fato, a única coisa da qual eu podia falar com alguma certeza dizia respeito a um sintoma pessoal, relativamente benigno a saber, a convicção de que um grupo seria susceptível de considerar os meus esforços com simpatia”. (Bion, 1961).*

Percorrendo o caminho de Bion sobre a questão dos grupos, vamos formando, aos poucos, a trama de conceitos nascida dessa experiência. Como, ao atender grupos de escuta, estivemos numa posição muito semelhante a que

Bion descreve acima no sentido que a tarefa solicitada pelo Setor seria “simples” – ajudar o grupo a conter a angústia suscitada pelo trabalho com crianças e adolescentes, criados por pais na maioria marginais, drogados e violentos, verificamos que despeito da tarefa parecer pequena é de enorme complexidade. O primeiro impacto foi a verificação de que os monitores traziam sintoma da população que atendiam a cada encontro. Aqui começamos a poder incluir a teoria de Bion sobre grupos. As necessidades individuais são colocadas à parte:

*“É da natureza dos grupos negar certos desejos satisfazendo outros, mas suspeito que a maior parte do ressentimento é causada pela expressão num grupo de impulsos a que os indivíduos desejam satisfazer anonimamente e a frustração produzida no indivíduo pelas conseqüências que para si mesmo decorrem dessa satisfação”. Bion chama esta área de mentalidade de grupo. A oposição conflitiva entre a necessidade individual e a mentalidade de grupo toma forma de cultura de grupo.”(Bion, 1961).*

## INDIVÍDUO - MENTALIDADE - CULTURA

Bion descobre a partir do clima afetivo que acompanha as trocas verbais entre os integrantes do grupo, que o objetivo das relações no grupo se explica por três pressupostos básicos e que coexiste com o grupo de trabalho (ou seja, a tarefa a ser executada para qual os indivíduos cooperam voluntariamente, com características análogas a as que Freud atribuía ao Ego). O grupo dos pressupostos básicos depende de uma participação involuntária, automática e inevitável – *“o estado emocional existe primeiro e que o pressuposto é que decorre daí”* (Bion 1961).

Esquemáticamente Bion reduz a três os pressupostos básicos que norteiam sua compreensão sobre a vida mental dos integrantes dos grupos : dependência, acasalamento, luta e fuga. Na introdução <sup>4[4]</sup> do livro divide esquemáticamente as problemáticas : *“em minha prática como psicanalista,*

---

<sup>4[4]</sup> Bion,W : Experiências com Grupos,

*fico impressionado pelo fato de a abordagem psicanalítica, feita através do indivíduo , e a abordagem que estes trabalhos descrevem, efetuada através do grupo, tratarem de diferentes facetas do mesmo fenômeno . Os dois métodos fornecem ao profissional uma visão binocular rudimentar. As observações tendem a se enquadrar em duas categorias, cuja afinidade é demonstrada por fenômenos que, quando examinados por um dos métodos, centralizam-se na situação edipiana, relacionada com o grupo de acasalamento (pairing group) e, quando examinados pelo outro , centram-se na esfinge, relacionada com os problemas de conhecimento e método científico.”*

Quando um homem se engaja num grupo, ele tenta se identificar, com todas as suas forças, ou com a organização básica ou com a estrutura racional. Deverá deslizar de uma perspectiva à outra. Chama-se sistema protomental essa latência que permite o deslizamento:

*“ Visualizo o sistema protomental como um sistema em que físico e o psicológico ou mental são indiferenciados. Trata-se de uma matriz donde originam-se os fenômenos que a princípio parecem - num nível psicológico e à luz da investigação psicológica - serem sentimentos distintos, apenas frouxamente associados uns com outros. É desta matriz que as emoções próprias à suposição básica fluem para reforçar, infiltrar e, ocasionalmente dominar a vida mental do grupo. Uma vez que se trata de um nível em que o físico e o mental são indiferenciados, é razoável que, quando a aflição originária dessa fonte se manifesta, ela possa manifestar-se tanto sob formas físicas quanto sob formas psicológicas. As suposições básicas inoperantes acham-se confinadas, dentro do sistema protomental; isto quer dizer que se o grupo refinado (de trabalho) é impregnado pelas emoções associadas com a suposição básica de dependência, então as suposições básicas de luta-fuga e de acasalamento ficam confinadas dentro das limitações da fase protomental “.*  
(Bion, 1961).

A descrição de Bion nos fornece subsídios necessários para a investigação dos deslizamentos, como o observado no exemplo clínico a ser descrito :é nesse espaço do deslizamento das emoções e das representações que buscamos estudar na tentativa de criar um sistema referencial.Em Freud,

encontramos as vias regressivas, ligadas ao instinto gregário, através das identificações. Em Bion encontramos o substrato que justifica a entrada em cena da via regressiva.

Por pretender investigar e explicitar estes mecanismos, perguntamos sobre a metapsicologia dos processos.

## DAS SESSÕES E DOS EFEITOS ESTRUTURANTES NO PSIQUISMO

### **Exemplos**

I- O grupo comparece à nossa sede. Não nos conhecemos ainda e os integrantes chegam um pouco antes do horário combinado. São barrados pelo porteiro. A situação aparece na sessão da seguinte maneira, segundo o grupo, em expressão unânime:

- O porteiro barrou a gente porque” viu “que a gente não é daqui.
- Viu como?
- Olhou para a gente, né?
- O porteiro não estava fazendo o trabalho dele de verificar para aonde vocês iam?
- Não, ele estava discriminando mesmo. Não queria deixar a gente subir.

Todos estavam convictos, não havia espaço para a indagação. Fomos tentando abrir brechas na convicção. Subitamente a porta da sala aonde estávamos trabalhando se abre e entra tranqüilamente um funcionário, faz o que tem para fazer e se retira. É então informado, na presença do grupo, da atividade que estamos fazendo e solicitado a não interromper novamente. Trancamos então a porta.

O grupo está espantado. A hipótese que eles traziam cai por terra. Realmente o outro pode não saber, quem somos, o que fazemos, para aonde estamos indo. Se eles puderem acolher esta experiência, talvez possam se sentir mais à vontade para transitar por toda a cidade.

A transferência a nível grupal aponta para a ferida da exclusão. O porteiro é dotado de poderes de discriminação. A emoção tolda-lhes a visão. Foi tão difícil e novo sair de lá e estar aqui, que mesmo acontecendo realmente, não estava podendo acontecer emocionalmente, não se fazia a experiência emocional. O crivo da exclusão social emerge na transferência de um modo tão encarnado, que se não mantivermos o olhar atento e a escuta analítica em ação, podemos perder toda a riqueza deste momento.

II- Em outro momento, uma das psicanalistas vai até a sede do projeto, para assistir, na posição de observadora, uma das atividades: a capacitação dos monitores, coordenada por uma pedagoga. A equipe trouxe fotos das crianças para calcular mais ou menos o tamanho das roupas que seriam doadas. A atividade transcorre, os monitores falando da rotina, e das características de cada criança. O tema da necessidade de acolhimento vai se desenhando, primeiramente em relação à eles mesmos, nas dificuldades com as crianças que chegam diariamente maltratadas, esfomeadas, maltrapilhas.

A questão da violência aparece, trazendo a dificuldade em adaptar os modelos educacionais vigentes , por exemplo , como lidar com o faz de conta se o revólver do menino será o revólver do adulto? A identidade social também esta demarcada.Por regulamentação trabalhista, os adolescentes não encontram emprego.Mesmo passando pelo Projeto, a experiência tem demonstrado que a tendência a voltar para os faróis é enorme, que tem sido a atividade por dizer, simbolicamente marcada como um passo para a marginalidade.Como acolher?Com dar as garantias de continuidade de segurança e sobrevivência? Duas monitoras do grupo foram crianças do Projeto e comentam que tinham “mais família” que a média da população que utiliza o projeto.

Estávamos no meio da reunião , quando a coordenadora atende a uma chamada do seu celular.A ligação era para confirmar um compromisso que ela havia esquecido de organizar, que seria um convite para 50 crianças assistirem a um espetáculo de teatro infantil, na zona oeste da cidade.Chegará um ônibus às 14 horas e já são 11 horas. Pânico geral . Quem irá até as ZR em plena manhã de sábado,para chamar as crianças? Dura realidade que leva à constatação da dificuldade concreta e real de lidar com a necessidade de acolhimento.Acolher o terror.

Aqui a psicanalista precisa se retirar.Ir sentindo toda a turbulência emocional de sair do bairro ,vivenciando o medo do assalto,a impotência , que talvez seja o sentimento que pode ser acolhido, diminuindo ao menos a bola de neve que é gerada pelo ódio frente a uma realidade tão dura.

A questão da escuta analítica fica colocada com a simples presença da analista, que ao se interessar , em ir ao Projeto , reconhece as questões por eles vividas.É engraçado o paralelo que me vem à mente com a prosa do caipira, que tem tempo para ouvir “as desgraceiras “ do amigo. Ao tentar contar , narrar a experiência do cotidiano, eles foram formulando para eles mesmos a questão da necessidade de acolhimento. Não fora dada esta consígnia para o trabalho.Ela emergiu no grupo e em todas as situações grupais este tema esteve presente, como talvez um ruído que não pudesse ser enunciado; um luxo talvez , querer ser acolhido nos sentimentos.

III- Em outra situação, uma das monitoras do grupo, que trabalha com a educação, e que se mantinha muda e arredia nas situações grupais, de pé atrás, conta que tem sentido o efeito dos grupos. Ao se sentir barrada na tentativa de fazer um crediário não desistiu simplesmente. Lutou pelos seus direitos, inclusive junto à Diretoria do Projeto, que às vezes temia atrasado com o pagamento dos salários. Posteriormente esta monitora ingressou num curso universitário.

À medida que a atividade se desenvolve, puderam aos poucos trazer a fantasia de perseguição, que era de que nós, as psicanalistas, estávamos fazendo um leva e traz. Foi importante sentirem que eram os clientes e que o que tinham para falar estava mesmo sendo ouvido.

Muito ainda ficará faltando neste relato, que foi tomando um certo ar de possibilidade de transformação fácil. Observo que me detive apenas nos sentimentos ditos positivos de amor e inclusão. Sem dúvida o grupo também tem grande potência de exclusão, de ódio ao que não quer colaborar, se expor. A linha pedagógica do Projeto baseia-se em Korczak, educador polonês que renunciou à vida, indo para o campo de concentração junto com as suas crianças, na época da perseguição nazista. A ideologia do Projeto, visa a integração da comunidade e para isto um espírito de cooperação é indispensável. E quem demonstra autoritarismo e rudeza com as crianças e com os colegas tende a ser excluído.

IV-X chega para o grupo visivelmente irritada com todos os integrantes. Considera que deve falar o que pensa mesmo, embora temia ser dispensada. E vai afirmando que ela sim sabe lidar com as crianças, que tentam o tempo manipular e que ela sabe como corrigir. Esta totalmente fechada e surda ao contraponto que o grupo vai tentando trazer. A situação vai se tornando insustentável e acaba por culminar em a sua demissão. Sua pedagogia pessoal não pode valer, pois retira dos outros o sentido de conter a própria agressividade coercitiva, para tentar implantar a proposta do Projeto. Aqui era ela ou o grupo.

Encerrarei aqui , com a certeza do inacabado , das questões levantadas e não respondidas.Mas, a experiência de estar com pessoas que vivem uma situação de exclusão social e que são gratas e acessíveis à escuta psicanalítica manterá este sendeiro aberto para a continuação.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Soares, Sylvia Salles Godoy; Muszkat, S; Weiss,T:

Grupo de escuta: uma ação transformadora, São Paulo: SBPSP, 1999.

Zlochesvsky, G; Pastore,J:

Grupos de escuta: uma intervenção em instituições sociais, São Paulo: SBPSP, 2000.

Bion, W.R:

Experiências com grupos, Imago Editora Ltda, 1970.

Elementos de Psicanálise, Ediciones Hormé.

Atenção e Interpretação, Imago Editora Ltda, 1973.

Estudos Psicanalíticos Revisados, Imago Editora Ltda, 1994.

Cogitações, Imago Editora Ltda, 2000.

Bléandonu,G: Bion:

A vida e a obra, Imago Editora Ltda, 1993.

Symington, J.e N:

O pensamento clínico de Wilfred Bion, Climepsi Editores, 1999.

Farkas,M:

Psicanálise sem divã, Jornal de psicanálise, 30 (55/56): 185-92.

Freud,S:

Psicologia de Grupo e Análise do Ego, 1921 vol XVIII.

O Futuro de uma Ilusão, 1927 vol XXI.

O mal estar na civilização, 1930 vol XXI.

Luto e melancolia, 1917 vol XIV.

Sobre o narcisismo: uma introdução, 1914 vol XIV.

Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental, 1911 vol XII.

Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Imago Editora Ltda.

Korczak,Janusz :

Como amar uma criança, Paz e Terra, 1977

Meireles, M.M:

Anomia, Casa do Psicólogo, 2001.

Meltzer,D:

O desenvolvimento Kleiniano 3, Editora Escuta, 1998.

Stern,D et all:

Mecanismos não interpretativos na terapia psicanalítica,  
Livro Anual de Psicanálise, 1998.

Vinãr, M.N.

Desamparo, Minoridad Abandonada e infratora y Psicoanalysis.

Trabalho apresentado no XXII Congresso Psicoanalítico Latino Americano, FEPAL.

Winnicott, D.W.

Textos Seleccionados: Da pediatria à psicanálise, Ed. Francisco Alves, 1978.

---